



O tempo presente: diálogo sobre a pós-modernidade

The present time: dialogue about postmodernity

Micaela Lüdke Rossetti¹

Resumo

Diversos teóricos dedicam seus estudos ao tempo presente: sociólogos, filósofos e críticos culturais, em uma perspectiva transdisciplinar, buscam caracterizações que viabilizem uma melhor compreensão da atualidade. Hipermodernidade, modernidade líquida ou pós-modernidade são algumas das nomenclaturas que Guy Debord, Jean-François Lyotard, Michel Maffesoli, Fredric Jameson, Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky utilizam para discutir o período que vem se configurando a partir de 1950, nos países ocidentais. Este artigo expõe e aproxima os olhares de tais pensadores a fim de entender a sociedade contemporânea – uma sociedade baseada no capitalismo globalizado, no presente e na coexistência de pluralidades. O intuito é, com esses teóricos reunidos e suas ideias justapostas, traçar similaridades e disparidades entre suas percepções para ampliar o conhecimento sobre o momento imediato. O trabalho salienta, ainda, a importância da arte nesse contexto dada a sua capacidade de refletir e abarcar discursos heterogêneos, oportunizando ao homem sintonizar-se com a metamorfose que se desenvolve atualmente.

Palavras-chave: Comunicação. Pós-modernidade. Presente. Arte.

Abstract

Several theoretical devote their studies to the present time: sociologists, philosophers and cultural critics, in a transdisciplinary perspective, search for characterizations to enable a better understanding of today. Hypermodernity, liquid modernity or postmodernity are some of the names that Guy Debord, Jean-François Lyotard, Michel Maffesoli, Fredric Jameson, Zygmunt Bauman and Gilles Lipovetsky use to discuss the period that has been developing since 1950, in Western countries. This article exposes and approach the thoughts of these thinkers in order to understand the contemporary society - a society based on global capitalism, in the present and on the coexistence of pluralities. The aim is, gathering those theoretical and overlapping their ideas, to draw similarities and differences between their perceptions to increase the knowledge about the immediate moment. Besides, this work also highlights the importance of art in this context due of its ability to reflect and embrace heterogeneous discourse, providing opportunity to man to be attuned with the metamorphosis that is currently developing.

Keywords: Communication. Postmodernity. Present. Art.

Artigo recebido em 24 de junho de 2015 e aprovado em 25 de abril de 2016.

¹ Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (2012), com Láurea Acadêmica. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM – PUCRS). E-mail: micaela.rossetti@hotmail.com

Introdução

Dentre os séculos XVII e XX, a civilização ocidental viveu um período histórico em que a autonomia da razão e o desenvolvimento do capitalismo estiveram em evidência. A modernidade caracterizou-se por ser um sistema centrado na produtividade humana, resultado do crescimento populacional e da urbanização acelerada.

A partir de 1950, mudanças na história do pensamento e na técnica, impulsionadas pelos avanços da tecnologia e das comunicações, modificaram tal configuração societária. As teorias da pós-modernidade começaram a dar seus primeiros passos na metade do século XX e se consagraram anos mais tarde, com a queda do Muro de Berlim em 1989 e as crises ideológicas de países ocidentais.

Prevalente no capitalismo, a hipótese pós-moderna abre espaço às pluralidades e ao presente, alargando-o e tornando-o eterno. Ela busca caracterizar um mundo em que as fronteiras geográficas inexistem e que a informação se multiplica instantaneamente e incessantemente.

Sendo assim, descrever a pós-modernidade não é tarefa fácil, pois a condição sociocultural que se apresenta no século XXI é permeada por novos e diferentes aspectos. Para Jean François-Lyotard, a pós-modernidade refere-se ao fim das *metanarrativas*; para Fredric Jameson, ela relaciona-se a um *capitalismo tardio*; para Michel Maffesoli, tem a ver com o sensível, o subjetivo. Já para Gilles Lipovetsky, a denominada hipermodernidade diz respeito à exacerbação de características da modernidade como o individualismo e o consumismo; e, para Zygmunt Bauman, a então modernidade líquida caracteriza-se por uma dissolução de todos os conceitos sólidos, pela liquidez, fluidez, pelo gozo, aquisição e artificialidade.

Ainda, é interessante aproximar deste diálogo a *sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, já que a análise crítica da *sociedade de consumo* antecipa o que viria a se tornar a sociedade pós-moderna; e associar a arte a tal contexto, pois capaz de refletir o momento presente e salientar idiosincrasias da contemporaneidade.

Com esses pensadores reunidos e suas principais ideias justapostas, evidenciadas possíveis similaridades e disparidades, pode-se ampliar a percepção em relação ao contexto atual. Afinal, como afirma o crítico Jameson (1996, p. 25), “[...] pós-modernismo não é algo que se possa estabelecer de uma vez por todas e, então, usá-lo com a consciência

tranquila. O conceito, se existe um, tem que surgir no fim, e não no começo de nossas discussões do tema”.

1 Pós-modernidade, Hipermodernidade e Modernidade líquida

Desvendar o momento presente nunca foi tarefa fácil para o homem. Por exemplo: hoje em dia, no século XXI, se conhecem algumas das características da Antiguidade, da Idade Média e da Idade Moderna. Foram traçados modos de vida, estilos e costumes através de pesquisas que viabilizaram a compreensão desses períodos e o entendimento sobre a história da humanidade. Porém, na época em que eles estavam em curso, é provável que os estudiosos tenham enfrentado dificuldades em assinalar seus aspectos.

Isso acontece porque os períodos não são estanques, modificam-se com o passar dos dias, influenciados por aspectos políticos, econômicos, sociais e técnicos. Ademais, olhar para o presente significa enxergar-se, mergulhar no íntimo dos momentos em curso, desprender-se de quaisquer juízos de gosto e correr o risco de cometer erros. Como salienta o sociólogo Maffesoli (2006, p. 28), “[...] digo frequentemente aos meus alunos e doutorandos que devemos encontrar palavras que sejam as menos erradas possíveis para dizer ‘aquilo que é’” (grifo do autor).

Independente da nomenclatura utilizada – sociedade do espetáculo, pós-modernidade, hipermodernidade ou modernidade líquida – o fato é que os pensamentos de Guy Debord, Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, Michel Maffesoli, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman tratam do mesmo período e se cruzam, convergem em determinados aspectos e divergem em outros – e, às vezes, simplesmente possuem linhas de pesquisa diferentes.

O que se pode constatar, primordialmente, é que nenhum desses pensadores acredita em um rompimento, em um término concreto da modernidade para um início totalmente inovador da pós-modernidade. Todos eles percebem características modernas no tempo presente (ainda que modificadas), além, é claro, de outras novas que, por sua vez, justificam a criação de uma nomenclatura diferente. Justamente para evitar a ideia de descontinuidade, o filósofo Lipovetsky (2004) preferiu o termo hipermodernidade e o sociólogo Bauman (2001) cunhou modernidade líquida: ainda que ambas evidenciem também os aspectos mais relevantes da pós-modernidade para cada um dos estudiosos – *hiper* relaciona-se a exacerbação, e *líquida* refere-se à fluidez.

O mesmo ocorre com as afirmações relativas aos grandes sistemas e as *metanarrativas*: Lyotard, Maffesoli, Bauman e Lipovetsky não acreditam em um término, mas sim que houve uma saturação. O primeiro foi o precursor nessa ideia, quando afirmou que a crise do saber moderno foi resultado da incredulidade nos *metadiscursos* que o legitimavam. Isto é, as grandes explicações sobre o mundo, que unindo filosofia e ciência levaram o indivíduo a acreditar na ideia universal de um futuro que se realizará, passaram a ser questionáveis, já que outras formas de conhecimento reabriram portas para discutir assuntos que a ciência não podia explicar. Cada forma de conhecimento, possuidora das suas próprias regras (cunhadas de *jogos de linguagem*) e, portanto, não admitindo a premissa de uma verdade universal. (LYOTARD, 1998).

Maffesoli (2006) explica que esse universalismo que é tão habitual ao homem moderno é resultado de uma racionalização excessiva da existência, que colocou a homogeneidade em destaque: as identidades e instituições foram reduzidas ao uno. Na pós-modernidade, não se pode mais restringir a sociedade a isso, pois existem múltiplas configurações. As instituições sociais que antes ditavam as normas se tornaram fracas, deixando de ser adequadas para a sociedade heterogênea. Para Lipovetsky (2004), elas continuam possuindo algum poder, mas são obrigadas a exercê-lo através de argumentações, já que não conseguem mais representar o todo – unidade que não mais existe.

Bauman (2001), por sua vez, evidencia que essas grandes estruturas eram sólidas, duras e pesadas; e funcionavam como limitadoras da liberdade individual – elas tinham bases fixadas no totalitarismo e na homogeneidade. Durante a modernidade líquida, tal solidez foi desintegrada, deixando de determinar hábitos e práticas dos indivíduos, que não mais se orientam pelas *metanarrativas*. Agora, eles se guiam por si mesmos e pelas suas vontades – o que, inclusive, suscita um sentimento generalizado de culpa, já que não é mais possível atribuir às derrotas ao poder: elas recaem sobre os próprios sujeitos, como afirmam Bauman (2001) e Lipovetsky (2004).

Como consequência desse enfraquecimento das grandes instituições, a economia tornou-se liberta e passou a determinar suas próprias normas. O crítico cultural Debord (1997) já havia afirmado que o espetáculo é referência do capitalismo, da lógica de acumulação e lucro imposta através da transformação da vida social – lazer, expressão pessoal – em mercadoria. Assim como, para Jameson (1996), a pós-modernidade se apresenta como consequência de uma mutação da organização capitalista, ocasionada pelo

surgimento do mercado livre, do capital financeiro, da busca por novos tipos de lucro, do consumo de massa.

Tal capitalismo globalizado que resulta no consumo excessivo parece ser o cerne do momento presente para os autores. A mudança ocorrida na segunda metade do século XX transformou as classes operárias em consumidoras fixadas na busca pelo *ter*, de acordo com Debord (1997). O hiperconsumo, cunhado pelo filósofo Lipovetsky (2004), passou a ser centro da vida social e individual, já que garante o prazer emocional e psicológico dos indivíduos. Com as bases enraizadas na economia livre, a sociedade da modernidade líquida, de Bauman (2001), se organiza entre os que produzem a sedução, o desejo, pela mercadoria e os que, atraídos pelo fetiche, consomem acreditando adquirir felicidade. As obras de Andy Warhol, que mostram objetos materiais transformados em arte, servem como reflexo desta mercantilização exacerbada.

A mídia e a tecnologia funcionam como motor deste capitalismo pós-moderno, quando influenciam ideias, opiniões, vontades e comportamentos; e inundam os indivíduos com mensagens publicitárias homogêneas que se dirigem a todos. A população agora está inserida na lógica do mercado, independente do poder aquisitivo que possua, como explicam Lipovetsky (2004) e Bauman (2001). Entretanto, é importante salientar que para Lipovetsky (2004), apesar de haver tal *influência*, a mídia não tem poder de impor (obrigar) comportamentos e o indivíduo pode utilizar a tecnologia como importante ferramenta na busca por conhecimentos e informações diversificadas.

A união entre tecnologia, mídia e capitalismo ainda favorece as condições de individualidade do tempo presente. Para Debord (1997), os espaços de atividade coletiva foram substituídos por centros comerciais e empreendimentos de lazer que tornam o trabalhador consumidor de ilusões – ele acredita estar unido aos que ali também consomem. Essa ideia também é defendida por Bauman (2001), que acredita que esses espaços de compra e consumo funcionam como templos que produzem o sentimento reconfortante de pertencimento, já que agora não há mais crença na ideia de nação, de uma sociedade justa, de um final bom para todos, de um futuro melhor.

Ademais, os indivíduos pós-modernos ficam em casa, assistindo à televisão e navegando na Internet, consumindo publicidade através das mídias. Assim podem escolher seus próprios programas e libertar-se das limitações coletivas que restringiam a liberdade, de acordo com Lipovetsky (2004). O individualismo cresce e cada vez mais o sujeito *vive dentro da sua própria bolha*.

Obviamente, a presença incisiva da tecnologia altera ainda outros segmentos da vida e, entre eles, a relação do indivíduo com o tempo e o espaço. Para Bauman (2001), o espaço perde relevância já que atravessado instantaneamente através de artefatos tecnológicos – o espaço físico, que na modernidade propunha a comunhão do coletivo, foi virtualizado. No seu lugar, o instantâneo, o acelerado, o possível de ser feito imediatamente se destaca. Jameson (1996) também defende este *tempo-velocidade*, que submete tudo o que existe à mudança constante e embaça a ideia de passado e de futuro. O presente está em voga, pois propicia uma sensação de vivacidade, euforia e intensidades.

A sociedade pós-moderna se baseia no presenteísmo que traz de volta a importância do prazer, do experimental, do aproveitar o aqui e agora, como afirma Maffesoli (2012). Segundo Lipovetsky (2004), essa consagração resulta na necessidade de satisfação imediata que, efêmera, leva ao consumo excessivo. Há uma luta contra o envelhecimento das sensações e, por isso, a cada nova compra, o *aqui-agora* se renova.

2 Revolução Cultural

A imagem é realçada na pós-modernidade porque assume a forma final da mercadoria, responsável por reorientar percepções e sensações. Debord (1997) atribuiu a ela o vínculo abstrato que existe entre os indivíduos, a mediação das relações. Quando ela invade as consciências, deteriora ideologias, ideias e criatividade e transforma a realidade em um espetáculo de aparências.

Jameson (2006) também identificou essa *cultura* da imagem na pós-modernidade e, inclusive, a aponta como responsável por tornar a experiência estética insuficiente ou excessiva, já que agora o visual está por toda a parte e satura a existência dos indivíduos. Todos os elementos da vida social passaram a ser representados por imagens e se configura uma nova realidade, onde existe um bombardeio de informações que soterra o sujeito.

Justamente para fugir desta realidade imagética, Debord (1997) via a arte como possível salvadora, devido a sua função social: ela poderia ser motor de reconstrução, de libertação dos indivíduos do capitalismo, do consumo e das imagens. Para ele, a vida deve ser presença, contato direto com lugares, coisas, pessoas.

Segundo o filósofo Lyotard (1993), a arte pós-moderna é possuidora de seu próprio jogo de linguagem, e por isso não é governada por regras já estabelecidas, foca-se no acontecimento. Jameson (2006) explica que ela não se refere mais a um estilo, mas a uma

estratégia de produção; e retrata o agora, o presente. Por isso, é possível enxergar este novo momento global nas manifestações artísticas contemporâneas, que são menos rígidas, menos severas, menos distantes umas das outras.

Até porque, para Jameson (2006) e Bauman (2013), a barreira entre a alta cultura e a chamada cultura de massa não existe mais; não se pode distinguir a elite cultural daqueles que estão abaixo dela. Existe um público apreciador de arte, mas ele consome tanto o popular quanto o intelectual. Por isso, na pós-modernidade, a todos os estilos artísticos se atribui um mesmo valor, já que todas as formas de arte e cultura existem simultaneamente. Porém,

Não devemos presumir que o valor de uma proposição depende de quem a formulou, com base na sua experiência, nem que temos o monopólio da descoberta da melhor solução. Isso não significa, deixemos bem claro, que devemos aceitar todas as proposições como válidas e dignas de escolha; de forma inevitável, algumas serão melhores que outras. Significa apenas que admitimos nossa inaptidão para dar opiniões absolutas ou formular sentenças definitivas. Concordamos que a utilidade e o valor verdadeiros de proposições concorrentes só podem ser estabelecidos no curso de um multidialogo, no qual todas as vozes sejam admitidas e em que todas as comparações e justaposições possíveis sejam feitas de boa-fé e com boas intenções. (BAUMAN, 2013, p.59).

Isto é, a ausência da distinção entre alta cultura e chamada de massa não sugere que todo e qualquer produto artístico é qualificado. Indica, na verdade, que antes de atribuir qualquer juízo de valor ou supor a precisão de uma proposta, deve ser aberto um espaço de discussão e correlação de ideias.

Afinal, o fim do modernismo representou para as artes a abertura à experimentação. Para Maffesoli (2006), é o surgimento da *harmonia conflitual*, que permite a coexistência de diversas características, aspectos e segmentos da existência. A partir do momento que a racionalidade deixa de ser o foco, as categorias do conhecimento que utilizam o emocional se sobressaem – assim como a arte.

Liotard (1998) não acreditava que a razão fosse capaz de desvendar todos os segmentos da existência, até porque ele sabia que havia uma infinidade de conhecimentos não-científicos. O pós-modernismo abriu as portas para assuntos não finalizados quando deixou de exigir que eles se autolegitimassem racionalmente. Nem tudo o que é real é racional, o emocional também existe. Por isso, para ele, o saber pós-moderno aguça a sensibilidade, está baseado nas ideias de *saber-fazer*, *saber-viver*, *saber-escutar* etc.

Esses preceitos relacionam-se diretamente com a sociedade emocional que, para Maffesoli (2012), se configura no tempo presente. Baseada nas tribos urbanas que

sustentam a ideia do *estar-junto*, ela evidencia os afetos, os sentimentos, o vivido e o experienciado. O indivíduo não pode mais ser pensado somente pelo cérebro (razão), mas também pelo corpo (emoção).

Lipovetsky (2004) identifica tal aspecto emocional como contraponto ao império do consumo, pois o ser humano ainda aposta em relações afetivas (como namoro, casamento, constituir família) e possui valores que se alicerçam mais no emocional do que no racional, como ações humanitárias, a preocupação com a verdade, os direitos humanos. O todo orgânico, portanto, parece receber a atenção dos três estudiosos, que enxergam além da ciência e evidenciam a presença da complexidade humana.

Considerações finais

É perceptível que alguns dos elementos mais característicos da pós-modernidade funcionam como causa e efeito deles mesmos, pois estão interligados: o enfraquecimento das grandes instituições ocasiona o crescimento do capitalismo, que influenciado pela presença da mídia e da tecnologia na sociedade, abre ainda mais espaço para a sua atuação. Conseqüentemente, o consumo excessivo e o individualismo crescem e propiciam a sensação de vivacidade – o foco no presente. Sem enxergar passado ou futuro, o indivíduo desacredita cada vez mais nos grandes sistemas, e o mercado financeiro se sobressai gradativamente.

A imagem, utilizada incansavelmente pelos meios de comunicação, acaba por soterrar o indivíduo em um mundo de futilidades e consumo, o que ocasiona a desatenção em relação às artes – que, tímidas, convivem entre si e tentam garantir o seu espaço em um mundo pós-moderno. Entretanto, com o emocional despontando e a crença em conhecimentos alternativos à ciência, enxerga-se a possibilidade de *fuga*, de *salvação* deste sistema capitalista consumista que, muitas vezes, deteriora o ser humano.

A narrativa pós-moderna comporta uma multiplicidade de discursos heterogêneos responsáveis por ampliar o mundo e a percepção do indivíduo sobre o mesmo. A convivência entre pensamento e emoção é possível, e esses podem auxiliar-se reciprocamente no descobrimento do mundo contemporâneo.

A nova era do capitalismo, a face cultural da globalização que se apresenta atualmente, é influência inquestionável da pluralidade formada a partir das tecnologias, da mídia e do mercado. A *fluides* do mundo moderno presente modificou a condição humana

afetando todas as áreas da existência, que agora é múltipla. Cria-se assim, a necessidade de adaptação e reconfiguração do homem contemporâneo, para que ele possa viver de forma harmônica em seu presente pós-moderno – e não mais em um passado moderno.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**: ética, mídia e imprensa. Tradução de Juremir Machado as Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

_____. **O pós-moderno explicado às crianças**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. O retorno das emoções sociais. In: SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado. **Metamorfoses da cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006.